

## **Skate na quebrada não é apenas “acrobacia”**

Franz Carlos de Oliveira Lopes

Os diálogos foram indispensáveis como suporte para entender as práticas de skate junto aos estudantes de uma escola no extremo sul da capital paulista. A Escola Estadual Professor Luís Magalhães de Araújo atende somente a etapa do Ensino Médio. Essa tematização, aconteceu com as turmas da 3ª série.

A escola está situada na Estrada do M’Boi Mirim, Jardim Coimbra, distrito do Jardim Ângela. O território é administrado pelo setor de zeladoria da subprefeitura do M’Boi Mirim e a unidade se encontra sob a jurisdição educacional da Diretoria de Ensino Sul 2 do estado de São Paulo.

A região em questão possui certas características. O Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo expõe em um documento publicado no ano de 2003 as peculiaridades e indica que a morfologia urbana da região do Jardim Ângela é a expressão do processo de formação das periferias desiguais. Resultado de políticas deliberadas de segregação espacial e da histórica inexistência do planejamento urbano em áreas excluídas da “cidade formal”. Esses processos foram danosos em relação a populações que viviam e vivem nas periferias, sobretudo na região apontada. Eis o retrato do bairro.

Logo, as condições de vida da juventude habitante da Zona Sul da cidade de São Paulo, especificamente nas regiões do Jardim Ângela e Jardim São Luís, expressam dimensões de vulnerabilidade nas perspectivas socioeconômica e civil, em muitos dos casos não se cumprem os direitos sociais básicos de cidadania, ou seja, o trabalho, a saúde, o saneamento e a educação são precários para a população que habita no território.

O desprezo a esses direitos perpassa pela integridade física e simbólica de muitos moradores daquela região. A problemática da violência é mais um fator que contribui para o aumento das hostilidades que tantas pessoas enfrentam. Significativo registrar que em 1996 a Organização das Nações Unidas (ONU) identificou a região do Jardim Ângela como “a mais violenta do mundo”.

A situação vem se revertendo nos últimos anos quando movimentos sociais e grupos organizados têm reconstruído a história da região com pautas e reivindicações por melhorias. Dentre as demandas populares mais prementes está o pedido para que as

escolas olhem para a cultura produzida no território. Exigência convergente com a legislação educacional quando determina, por exemplo, que distintas vozes participem na elaboração dos currículos e que sejam incluídos conhecimentos representativos da diversidade étnico-racial que caracteriza a sociedade brasileira.

Uma entrevista com jovens da região do M'Boi Mirim e Jardim São Luís expôs que parcela deles almejam conquistar *status* ou sucesso nos mais distintos segmentos, bem como ter recursos simbólicos e materiais que representem sua territorialidade, e que possam transitar pela cidade sem preconceitos. [Ultrapassar o rio](#) é um dos objetivos declarados, ainda sim, sem perder seu lugar de “legitimidade”. Nessa conjuntura a escola é o foco das esperanças, local dileto para trabalhar anseios e desejos.

Por outro lado, o currículo nem sempre dialoga com a cultura da comunidade. A imposição de determinados conhecimentos e formas de ver o mundo se materializam nas propostas curriculares unificadas, seguidas de avaliações externas que resultam no ranqueamento das unidades educacionais. O mecanismo padronizado que faz a girar a engrenagem é a bonificação. Os docentes das escolas com melhor desempenho nos exames oficiais recebem recompensas financeiras, enquanto o inverso acontece naquelas escolas que não atingiram as metas. Esse dispositivo está consolidado em muitas redes de ensino, incluindo a rede estadual paulista.

Todo esse contexto ajuda a entender os encaminhamentos pedagógicos adotados quando me dei conta que três estudantes sempre estavam com seus skates, seja dentro ou fora da escola. Assim, elegi como principal objetivo da tematização entender as relações envolvidas naquele *lôcus* e os significados do skate para os estudantes; como essa prática é pensada pelos jovens, sejam eles praticantes ou não. Pensar na edificação dessa prática leva em conta a linguagem, o conhecimento, a identidade, a diferença, essas estruturas visam aprofundar as reflexões, sobretudo nos campos dos significados e das relações de poder em relação ao skate.

Aproximava-se o fim do ano letivo de 2019 e estávamos prestes a concluir a tematização das brincadeiras de correr, isso mesmo, os estudantes da série do Ensino Médio estavam realizando e analisando as brincadeiras de correr nas aulas. É certo que alguns resistiam às intervenções pedagógicas relacionadas ao corpo, especificamente ao brincar. Mas, esse é um outro assunto.

Em uma das aulas, três estudantes começaram a brincar de pega-pega com seus skates. Foi o estopim para iniciar um bate-papo com a turma sobre o assunto: *quais eram*

*as manobras da modalidade? Nas localidades havia espaço de prática? O que achavam de quem andava de skate?*

Poucos conheciam a manifestação para além do que salta aos olhos. Disseram que viam com frequência jovens andando nas ruas de suas vizinhanças. Os três estudantes que sempre estavam com skate possuíam um conhecimento mais aprofundado do assunto. Antes de continuar, preciso ressaltar a distância entre a escola e os bairros de moradia dos alunos que contribuíram com as práticas.

Localizada na Estrada do M' boi Mirim, próximo ao Largo do Jardim Ângela, território brevemente descrito acima, a escola recebe moradores de bairros distantes como Horizonte Azul, Jardim Aracati, Jardim Recreio (Península de Cidade Ipava), Jardim Vale Verde, Baronesa, Jardim São Lourenço, Jardim dos Reis, Chácara Sonho Azul, Vila Gilda, Jardim Vale Verde, Jardim Nakamura, Chácara Santa Maria e Jardim Planalto. Em particular, os jovens skatistas residiam na Cidade Ipava, a uma distância de 7 Km da escola, um trajeto percorrido em cerca de 40 min de transporte coletivo.

As provocações colocadas aos estudantes surtiram efeitos. As primeiras discussões deram-se em torno das manobras e as posições que os praticantes andavam. A partir desse momento João, José e Joaquim, que mediavam as aulas, foram alimentando a conversa com novas questões e respondendo outras. O trio foi de fundamental importância na articulação das atividades.



*Coloca uma perna atrás e o pé na altura das rodas de trás do skate, dá um impulso do chão e coloca o pé no shape por trás. Pra ficar melhor, fica com os joelhos um pouquinho agachado. Os estudantes respondiam de forma atenciosa às perguntas dos colegas de classe, dúvidas deles e minhas também. Os pés devem ficar meio abertos no shape. Aí você vê se dá pra equilibrar no skate, encontre uma posição legal, de boas,*

*confortável. Esse movimento é para mexer o pé e dar direção ao skate, para virar, os ombros ajudam a dar direção.*

Não apenas as formas de andar de skate, mas também as manobras como o ollie, ollie heel, heelflip e pop shove figuraram nas apresentações do trio quando questionado sobre as ditas “acrobacias”. A primeira manobra é feita da seguinte maneira: o skatista tem que bater no tail até que ele toque no chão e salta para frente deixando o pé da frente no shape, no nose, dando um chute no shape. Para fazer essas manobras com mais altura, é necessário força e agilidade junto com a sincronia nos movimentos.

Ollie heel ou heelflip segundo os estudantes, é uma manobra que pode ser uma variação, na qual o pé de trás funciona da mesma maneira que no flip e no ollie, mas o pé da frente é usado com calcanhar na extremidade do nose. Se feita com duas rotações pode ser chamada de double heelflip.

Esta manobra é executada puxando o pé não para cima, mas para a frente. É a primeira manobra de rotação de 180°. Enquanto o pé da frente é chutado para a frente, o pé de trás é chutado para trás em total sintonia, fazendo com que o skate rode 180°. Já o pop shove-it pode ser executado não só em 180°, mas também variações de 360° e 720°, em frontside e backside.

As práticas pedagógicas percorreram por caminhos fomentados pelos estudantes e orientados pelas questões apresentadas pelos colegas. Pensar nessas rotas é tentar entender as peculiaridades dos traçados daquele grupo de skatistas, assim como dos não praticantes.

A relevância da prática se materializa nas experiências vividas pelos estudantes. Elas subsidiam as análises situacionais e remodelações da prática, junto a isso, a participação enquanto leitores e intérpretes da gestualidade proporciona, seja no âmbito individual ou no coletivo, ideias tão relevantes quanto a execução das manobras.

É importante entender que no convívio social as diversas interpretações devem ser validadas, logo, entende-se que o emaranhado de significados produzidos nas relações concebe sentidos para muitos estudantes e novas compreensões para outros, por isso os jovens interpretaram o skate de diversas formas. Esse movimento evidencia que o olhar para as práticas é importante para professor e estudantes.



Segundo João, José e Joaquim, o que estava sendo feito na quadra se assemelhava à modalidade street, sem dúvida, a mais conhecida por não exigir um local especialmente construído para a prática. A arquitetura urbana é o principal cenário dessa modalidade. Lugares altos que dêem para saltar com o skate, escadarias, corrimãos, inclinações entre outros obstáculos que possam imitar uma situação semelhante às ruas. A inspiração vem de espaços nas cidades que tenham essas características. Normalmente, as ruas da quebrada, as quadras e praças onde os jovens andam são espaços desafiadores para as manobras. Existem outros tipos de pistas, mas nas proximidades há apenas um half pipe.

A tematização, aos poucos, afastou-se das manobras e enveredou por outros caminhos. A maioria dos estudantes não conheciam as modalidades de skate justamente porque inexistiam nos seus locais de moradia, ou seja, nos bairros mencionados acima. O trio de estudantes expressou a escassez de locais de lazer, bem como de práticas de skate. Em contrapartida, lembraram da grande oferta de lugares para a prática do futebol.

Na manifestação dos skatistas, assim como dos demais estudantes, fica evidente que a carência de espaços se coloca como um problema, ainda que as quadras e campos tenham lugares garantidos no distrito, a densidade demográfica da região é muito alta. Se já é escasso o lazer específico para a população, que dirão os praticantes de modalidades pouco presentes na comunidade, sobretudo as práticas corporais marginalizadas. Essas questões foram levantadas pelo grupo em uma das rodas de conversa com a turma.

Apesar da existência de pistas públicas nas proximidades da escola, a maioria da turma sequer sabia disso porque reside em bairros mais afastados ou, simplesmente, não se interessa pela prática do skate. O debate sobre a disparidade entre a quantidade de pistas quando comparada à de quadras ou campos de futebol nos bairros em que moram

os estudantes prosseguiu. Para muitos, a rua é um dos lugares onde andam de skates justamente por não ter mais opções.



A discriminação que sofrem os praticantes de skate proporcionou outros contornos à tematização. O trio foi sabatinado em algumas rodas de conversa que abordaram o assunto. As perguntas variaram bastante, mas cabe fazer ao menos três destaques. O primeiro sobre os modos de se vestirem. Alguns estudantes tinham a ideia de que as vestes dos praticantes davam a impressão de que estavam malvestidos. Entretanto, eles falaram que alguns rasgos em suas calças, bermudas ou tênis decorreram da própria prática. As quedas sofridas são os motivos das roupas rasgadas.

O trio respondeu também que muitas marcas relacionadas ao skate são caras, os equipamentos como rodinhas, rolamento, shape, proteções de cotovelos, joelheiras entre outros, têm um preço elevado. Os custos para adquirir roupas e acessórios, como camisetas, calças, bermudas, bonés, tênis e mochilas são bastante elevados.

Por ser uma prática pouco difundida em relação a outras na periferia, João, José e Joaquim eram vistos como os diferentes, por não gostarem de jogar futebol no bairro em que moravam, sempre ouviam piadas por andarem de skate. Até pessoas da própria família de um deles cobravam por não gostarem de práticas mais difundidas na realidade do bairro.

Conversamos sobre como se dá a profissionalização. A narrativa foi de que é quase impossível, pois necessitam encontrar um emprego para ajudar suas famílias já que aquela etapa da escola estava praticamente no último mês. Outro fator seria a idade, às vésperas de completar dezoito anos, eles julgavam não ter chances perto daqueles que treinam desde muito cedo.

O local de moradia, segundo o trio, é outro aspecto que desfavorece a profissionalização, pois, segundo explicaram, andar em pistas pequenas e precárias longe

dos “grandes centros da modalidade”, como o parque do Ibirapuera e Praça Roosevelt, os impede de se tornarem profissionais. Apesar disso tudo, o skate para eles é um hobby, um estilo de vida, uma diversão independente de profissionalização ou de quem queira falar mal deles andando no bairro, nas pistas ou nas ruas. Fosse como fosse, aqueles estudantes continuariam andando de skate.

O que eles gostam mesmo é de andar de skate, igual aos jovens que gostam de futebol nas quadras ou nos campos de várzea da região, mas esse trio deixou evidente que a o prazer deles estava nas manobras nos desafios impostos seja na pista ou nas ruas.

Muitas vezes as práticas corporais carregam significados que alguns grupos expressam ser “consensuais”. A ideia de que o “Brasil é o país do futebol”, por exemplo, quer dizer que todos que estão no território nacional praticam ou, de alguma forma, têm apreço pelo esporte. Sabemos que as coisas não são bem assim. Toda a discussão em torno do skate, permitiu-nos constatar a presença de olhares divergentes, escapando daquilo que seria um consenso.

As perguntas apresentadas ao início dos trabalhos nos levaram por uma determinada direção, mas que se alterou com o desenrolar da tematização. Os estudantes acessaram algumas manobras ou “acrobacias”, sem deixar de discutir a escassez dos espaços de prática na região ou conhecer melhor os praticantes, o que pensam e sentem e, principalmente os diferentes significados atribuídos a esses sujeitos.

Proporcionar que os estudantes analisassem a prática corporal por mais de uma perspectiva foi uma das preocupações que tive. O debate sobre aquilo que estava sendo feito pelos estudantes serem semeadoras na produção de significados, foi igualmente importante nas discussões. As conversas com os praticantes em alguns casos desestabilizaram as representações iniciais que a turma possuía sobre o tema. O tensionamento dos significados, por vezes coloca em xeque as relações sociais, sobretudo as concepções predominantes.

Na sinuosidade das relações sociais é importante indagar os estudantes, por isso as três questões desencadeadoras da tematização foram também a bussola dos processos no processo pedagógico. As aulas foram fortemente impactadas pelas orientações dos praticantes da modalidade, João, José e Joaquim, por isso, a pedagogia se torna uma viagem com rumos aventureiros, quando o professor não monopoliza a fala, muito menos os saberes.

Entre muitos pensamentos sobre o skate e seus praticantes, ao conhecer um pouco mais sobre o assunto, os estudantes identificaram as peculiaridades que envolvem a

modalidade não apenas no seu fazer, mas igualmente nas questões sociais e do território onde estão.

Tudo aquilo que foi vivido nas atividades pedagógicas foi avaliado e registrado, eu enquanto professor, produzi registro de vídeo e fotográficos, isso contribuiu no momento da elaboração de outros processos, já os estuantes fizeram pesquisas sobre as manobras ou “acrobacias”, entenderam as distâncias entre a unidade educacional e as pistas, puderam ver o desequilíbrio entre o skate e o futebol em seus locais de moradia e, por fim, subjetivaram novas leituras sobre a prática e seus praticantes.

É nessa dinâmica que foi se construindo com a turma o movimento entre práticas e diálogos, e nos conhecimentos postos em circulação por João, José e Joaquim, aos quais agradeço imensamente pela partilha de saberes.